

IA ANGA

PASSADO E PRESENTE,
MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS





APRESENTAÇÃO

O livro lacanga – Passado e presente, memórias e aprendizagens reúne as histórias contadas por dez moradores da cidade que gentilmente cederam suas entrevistas de histórias de vida ao projeto.

A cada narrativa são descobertas sensações, informações, valores, locais e momentos históricos que levam a um universo de conexões possíveis entre a história da cidade, dos narradores e a do próprio leitor. A relação entre o passado e o presente acontece a todo instante, e por ela se torna possível notar traços da identidade de lacanga. O que essa cidade foi, o que ela é e o que pretende vir a ser, aparecem nos relatos de seus moradores/depoentes.

Ao longo do ano de 2019, professores das escolas municipais de ensino tiveram encontros mensais de formação pelo projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar. A cada curso eram disparadas ações a serem realizadas com seus alunos até se chegar, entre outros objetivos, à publicação deste livro.

As histórias presentes são resultantes de um longo processo de trabalho. Os alunos pesquisaram sobre a história da cidade, definiram temas de interesse, debateram e escolheram possíveis depoentes coerentes com seus anseios, elaboraram roteiros específicos de entrevista e conduziram coletivamente as entrevistas de histórias de vida. Na sequência, produziram desenhos e textos que compõem a arte desta publicação.

O projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar chega ao seu final da melhor maneira possível: uma grande homenagem a todos os moradores de lacanga.

E, antes que a leitura seja iniciada, fica aqui registrado o agradecimento a todos os participantes do projeto: depoentes, alunos, professores, técnicos e parceiros.

Essa ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2019 (Pronac 18.3727) realizado pelo Ministério da Cultura através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e pelo Instituto Museu da Pessoa, com patrocínio da AES Tietê.

Museu da Pessoa





CARO LEITOR,

A valorização da história de uma comunidade pelo resgate e registro das tradições orais, envolvendo antigos moradores, crianças e profissionais da educação pública, é uma forma de promover o acesso à cultura e assim contribuir para a formação plena de cidadãos.

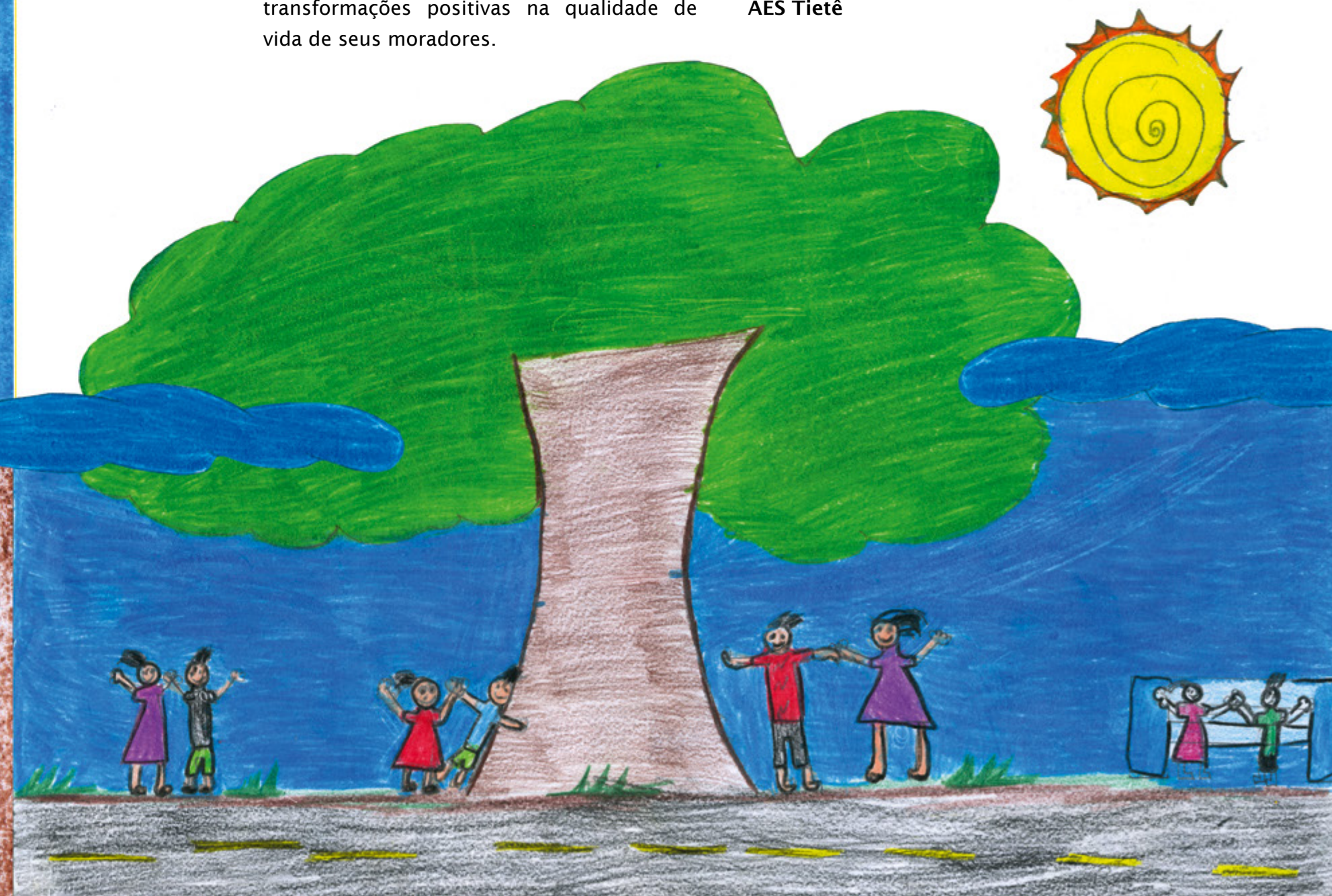
Acreditamos que o projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar – Iacanga fortalece a comunidade e aumenta o orgulho de pertencer a esse município, o que potencializa transformações positivas na qualidade de vida de seus moradores.

Juntamente com o Museu da Pessoa, agradecemos a todos os envolvidos que se dedicaram às formações, entrevistas, desenhos, fotos e textos a fim de tornar esta publicação um fiel registro da vida em Iacanga.

Convidamos você a conhecer e a compartilhar essas histórias, que dessa forma serão eternizadas.

Boa leitura!

AES Tietê





MIAZAKI

O artesanato

Miazaki Ywao, conhecido como “Pedro Japonês”, tem orgulho de contar que seus avós vieram do Japão e que até hoje ele guarda seus passaportes.

Em 1938, mudou-se com seus pais para Iacanga e foram morar em uma casinha bem simples, que ficava à beira do Ribeirão Claro. Seus pais trabalhavam na roça e estavam sempre se mudando, por isso afirma não ter saudades da infância.

Frequentou pouco a escola rural por causa das constantes migrações. Ele se recorda que ia descalço para o colégio, com um embornal; suas roupas eram feitas do tecido de sacos de sal ou farinha e, nas costas, ficava estampada a marca do produto.

Pedro se casou e, juntamente com a esposa, cultivavam hortaliças e revendiam na cidade. Tudo era orgânico: as alfaces ficavam no chão por no mínimo 60 dias e eram colhidas viçosas. Quando iam lavar as verduras em um quadrado com água, sua filha caçula ficava nadando no meio das hortaliças.

Em meados dos anos 60, resolveu montar um comércio com o nome de “Bar e Quitanda Miazaki”, onde todas as novidades de doces se encontravam. Depois, como ele tinha vontade de conhecer outros lugares, além de se preocupar com o INPS, resolveu tornar-se caminhoneiro.

Mas foi como artesão que se realizou. Aprendeu o ofício desde pequeno, observando as outras pessoas. Seu Pedro faz seu artesanato usando taboa (material do mato), que colhe na beira do rio. Seu sonho é ter uma oficina para ensinar esse ofício a outras pessoas.

Hoje, com seus 87 anos, “seu Pedro Japonês”, agora viúvo, mora sozinho e, além de fazer seus artesanatos, faz suas caminhadas diárias e cumprimenta todos os que passam por ele.

Miazaki Ywao, “seu Pedro Japonês”, foi casado com “dona Maria Japonesa”. Tem sete filhos e 21 netos. É artesão e acumula experiências e histórias para contar.





MARCO S



Apaixonado pela leitura

Marcos foi criado por sua mãe, dona Iracema, professora querida, que sempre reservava os minutos finais de sua aula para contar histórias aos seus alunos, e também pela avó, “dona Chiquinha doceira”, autora dos melhores canudinhos da cidade, fama perpetuada principalmente entre os estudantes.

Filho único, foi muito protegido pela mãe, que sempre o orientou e o incentivou a tomar gosto pela leitura. Ele ficava horas em seu quarto viajando no mundo da imaginação. Se não pôde conhecer todos os lugares que queria, por meio dos livros, foi possível conhecer suas histórias.

Durante a infância, também gostava de ver o pouso dos aviões de pequeno porte em um campo de aviação improvisado, e se recorda de que montou um caixote de madeira, com uma haste e uma lata de massa de tomate na ponta, com o qual brincava de ser locutor. Eram indícios da carreira que seguiria.

Na década de 50, sua mãe construiu uma casa no centro da cidade e lá funcionou o primeiro e único posto telefônico de Iacanga. Sua mãe foi a primeira telefonista, e ele, o mensageiro.

Desde novo, Marcos sempre gostou de falar com microfones, muitos deles improvisados, e seria este o instrumento que marcaria sua carreira de radialista e jornalista atuando pela Rádio Educadora de Iacanga.

Fã de cinema e de filmes, fala com orgulho de um longa-metragem que foi filmado em Iacanga: Mágoa de Boiadeiro, que teve Sérgio Reis como protagonista e que ficou passando no cinema da cidade por 12 dias seguidos devido ao grande público.

Marcos Vieira da Silva, conhecido como “Marquinho da rádio”, nasceu em Lins (SP) e atualmente é radialista em Iacanga (SP).

ZEZÉ

Pioneira na Educação Especial

Zezé teve uma infância maravilhosa: cresceu no campo e teve toda a liberdade para brincar, ter contato com os animais e a natureza. Recorda também suas bonecas de espigas de milho e que ela mesma confeccionava suas roupinhas.

Saiu sozinha pela primeira vez aos 17 anos e curtiu muito o Club Black Cat, onde eram realizadas as brincadeiras dançantes. Estudava à noite e, durante o dia, trabalhava em uma papelaria. Foi nessa época que conheceu seu esposo.

Ficaram juntos e tiveram sua primeira filha, Patrícia. Após um ano, Zezé percebeu que sua filha tinha algumas limitações e foi orientada a procurar um tratamento diferenciado. Ela terminou a faculdade de Pedagogia, mas, devido ao contexto, não exercia a profissão.

A descoberta da deficiência de sua filha foi um marco em sua vida, porque a partir daí sentiu o desejo de ajudá-la em seu desenvolvimento. Foi quando surgiu a oportunidade de fazer um curso de Educação Especial.

Nesse curso de aperfeiçoamento, conheceu duas professoras que tinham um irmão com necessidades especiais, então surgiu a ideia de abrirem em lacanga uma escola que atendesse pessoas com alguns tipos de deficiências. Juntamente com o prefeito da época, trouxeram a Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) para a cidade.

No início, pretendia ser uma voluntária, mas foi convidada para assumir uma sala de aula. Zezé optou por não trabalhar como professora da filha, pois queria que ela a visse ali como profissional e em casa como mãe.

Depois de um ano lecionando, foi indicada ao posto de diretora, cargo em que permaneceu por 42 anos, trabalhando com muito amor e dedicação. Hoje, é aposentada e, sempre que possível, contribui para a escola levando sua experiência.

Maria José Grigolin da Cruz nasceu no dia 5 de março de 1946. É aposentada e foi colaboradora direta e fundamental da Apae de lacanga (SP).



JOAQUIM

Uma vida bem vivida

Joaquim Carlos Caldas, conhecido como “Nitão”, nasceu e foi criado em lacanga. Foi um menino peralta, de infância agitada e feliz.

Desde bem novo, ia com os amigos nadar no rio. Em uma dessas ocasiões, tiveram suas roupas confiscadas pelo delegado da cidade e passaram o maior sufoco para voltar para casa!

Também gostava muito de brincar de carrinho de rolimã. Sucedeu certa vez que, durante a brincadeira, um amigo que havia ganhado uma botina nova do pai gastou toda a sola de tanto que freava o rolimã com os pés. Quando voltou para casa, levou uma surra do pai!

Nitão guarda muitas lembranças de seu pai, que era farmacêutico. Retornando de uma de suas viagens, lhe trouxe um presente, do qual ele nunca se esqueceu: uma arminha de espoleta.

Entre tantas peraltices, nem tudo foram felicidades. Um dia, ao sair de casa, foi atropelado por um caminhão bem em frente à sua casa (nessa época, a rua ainda era de terra). Recuperando-se do acidente, ainda levou um coice de boi!

Recordando suas histórias, lembra que, para viajar de um lugar para outro, o transporte era feito por carros de bois, e que demorava uma eternidade para se chegar ao destino. Havia também a Jardineira, um ônibus todo montado de madeira, um sucesso entre as crianças.

Já na adolescência, gostava de frequentar as brincadeiras dançantes, que ocorriam aos domingos, entre 20 e 22 horas. A cidade ainda não tinha energia elétrica, então a festa era tocada por geradores. As paqueras se davam no jardim da praça onde havia um coreto, o mesmo que recebia as autoridades.

Frequentou também a “prainha de lacanga”, que na época atraía turistas de toda a região. Desse local, tem boas lembranças e ainda guarda a esperança de que ele volte a ser um lugar de lazer para os moradores de lacanga.

Joaquim Carlos Caldas nasceu no dia 5 de agosto de 1944, em lacanga (SP). Tem 75 anos e é aposentado pela Sabesp. Atualmente, é advogado.





MazÉ

Encontros e conhecimentos

Mazé nasceu em Sorocaba e conheceu a cidade de Iacanga ainda jovem, por meio de um convite de amigos da família Bianchi.

Retornou à cidade de Iacanga com um convite de sua amiga Ester Bianchi para participar da primeira edição do Festival de Águas Claras. Gostou tanto do evento que esteve presente em todas as edições posteriores. Participaram desses festivais mais de 15 mil pessoas! Todos ficavam acampados em barracas na fazenda onde aconteciam os eventos. Além de fazer novos amigos, eles dividiam tudo que tinham.

Teve a oportunidade de conhecer vários músicos famosos, como Gilberto Gil, Luiz Gonzaga, Caetano Veloso, Raul Seixas. Mazé possui muitas lembranças desses eventos, como revistas, jornais, fotos e roupas.

Conheceu seu esposo, que participava da parte técnica dos eventos, em um desses festivais. Mantiveram contato através de cartas, as quais ela guarda até hoje, e começaram a namorar.

Casaram-se e tiveram dois filhos, Pablo e Adelita, e foi contemplada com dois netos. Infelizmente, seu esposo faleceu há pouco tempo.

Mazé sempre trabalhou e ainda trabalha com arte. Em 2004, ingressou na Prefeitura Municipal de Iacanga com projetos para crianças e adolescentes e, hoje, trabalha no projeto com adultos, onde passa suas técnicas e engenhosidades.

Maria José Alves Santos Abdala nasceu no dia 30 de maio de 1954, em Sorocaba (SP). Mazé sempre trabalhou com arte. Foi costureira e já promoveu um desfile de moda na cidade de Iacanga.





MARIA JOSÉ



Minha terra natal

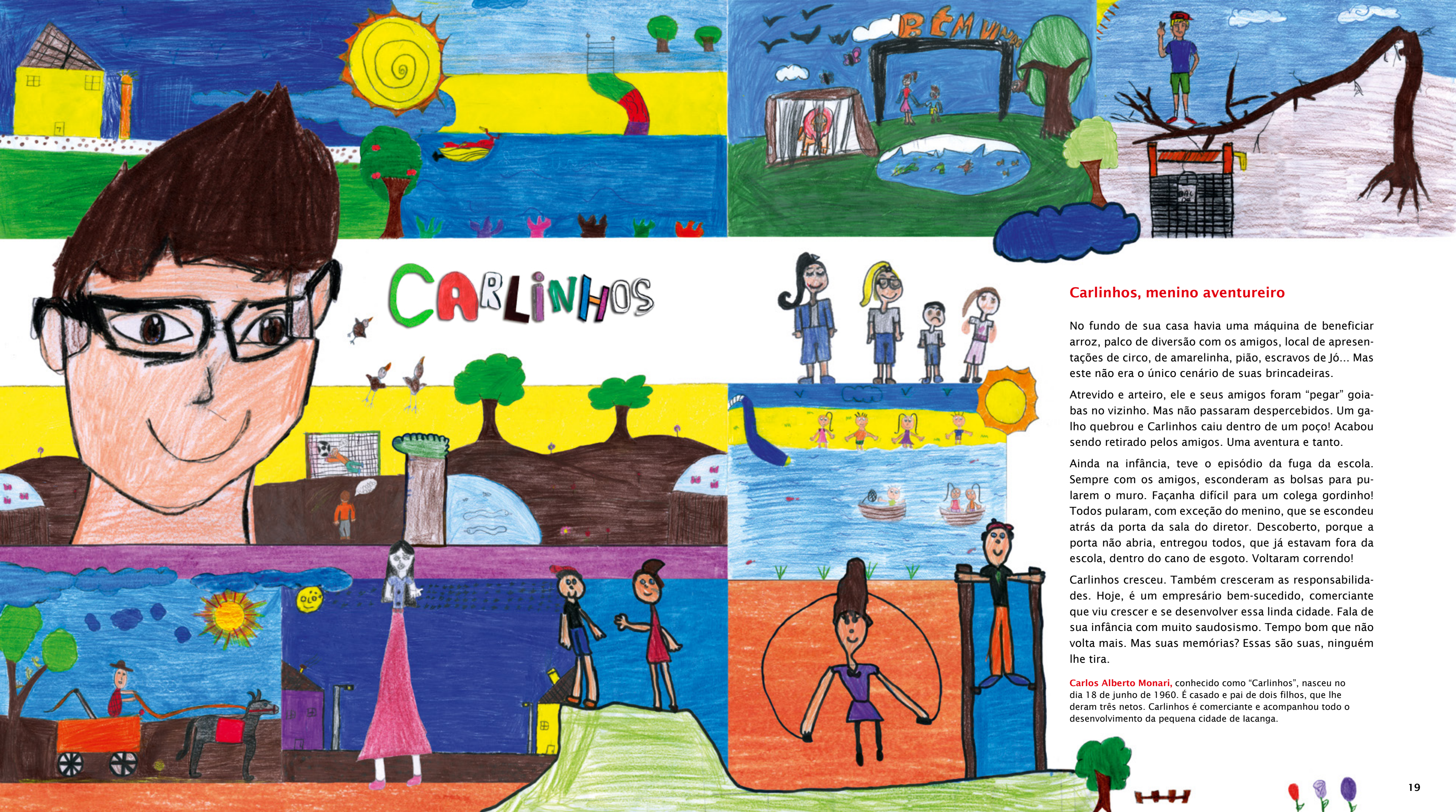
Quando pensa na infância, ainda vem a lembrança do seu riozinho, o Ribeirão Claro, de águas limpas, puras, onde podia brincar, pescar, nadar até se cansar com os amigos. Era o programa de todas as tardes, fazia parte de seu lazer.

Dona Maria teve uma infância diferente. De vez em quando é que se ganhava um presente; não importava o tamanho que fosse, pequenininho ou grande, ali se dava e se recebia de coração. Ganhou uma boneca feita de papelão de sua querida avó, brincou o dia todo, feliz e agradecida, e à tarde resolveu lhe dar um banho sem pensar nas consequências. A boneca molhada começou a se desmanchar. Quando se deu conta, a boneca se acabou e foi ela quem passou a chorar.

Gostava de brincar no milharal onde dava aula para as fileiras de milho, como se fossem seus alunos. Dona Maria tinha o sonho de se tornar professora e comprar o carro do ano, que se chamava “Rabo de Peixe.”

Sente saudade de quando era criança, de subir no morro e ver o helicóptero aterrissando no campo de aviação que havia em lacanga. Que saudades que dá!

Maria José de Sousa Marana nasceu no dia 29 de agosto de 1949. De família de origem baiana, é uma senhora muito simpática, mãe de cinco filhos e foi professora até se aposentar.



CARLINHOS

Carlinhos, menino aventureiro

No fundo de sua casa havia uma máquina de beneficiar arroz, palco de diversão com os amigos, local de apresentações de circo, de amarelinha, pião, escravos de Jó... Mas este não era o único cenário de suas brincadeiras.

Atrevido e arteiro, ele e seus amigos foram “pegar” goiabas no vizinho. Mas não passaram despercebidos. Um galho quebrou e Carlinhos caiu dentro de um poço! Acabou sendo retirado pelos amigos. Uma aventura e tanto.

Ainda na infância, teve o episódio da fuga da escola. Sempre com os amigos, esconderam as bolsas para pularem o muro. Façanha difícil para um colega gordinho! Todos pularam, com exceção do menino, que se escondeu atrás da porta da sala do diretor. Descoberto, porque a porta não abria, entregou todos, que já estavam fora da escola, dentro do cano de esgoto. Voltaram correndo!

Carlinhos cresceu. Também cresceram as responsabilidades. Hoje, é um empresário bem-sucedido, comerciante que viu crescer e se desenvolver essa linda cidade. Fala de sua infância com muito saudosismo. Tempo bom que não volta mais. Mas suas memórias? Essas são suas, ninguém lhe tira.

Carlos Alberto Monari, conhecido como “Carlinhos”, nasceu no dia 18 de junho de 1960. É casado e pai de dois filhos, que lhe deram três netos. Carlinhos é comerciante e acompanhou todo o desenvolvimento da pequena cidade de Iacanga.



As lembranças do tempo de escola

O senhor João Valentim Batista é morador antigo de lacanga e conhece como poucos a história da cidade. Quando indagado sobre seu passado, não pôde se esquecer de seus tempos de colégio.

Quando criança, morava no sítio e, para ir à escola, saía para uma longa caminhada a pé. Com sol ou com chuva, ele ia da mesma maneira. Não havia desculpas nem preguiça que o segurassem em casa. Estudar em sua época era um privilégio para poucos.

Ainda se lembra do nome de sua primeira professora: dona Helena. Lembra-se também que o uniforme e o material escolar precisavam ser comprados, eles não eram dados como nos dias de hoje.

Os castigos eram severos, os professores eram bravos. Apagador, giz, régua eram lançados uma vez ou outra naqueles alunos mais bagunceiros. Ficar

de pé atrás da porta ou debaixo do relógio eram métodos utilizados para punir os alunos. E, se eles não estudassem a tabuada, ficavam sem intervalo. O tempo do castigo era utilizado para estudar.

E a merenda? Não era como é hoje; os alunos tinham que comprar uma ficha com a professora. A comida era sopa de arroz ou fubá com legumes e quem não tinha dinheiro não comia.

Senhor João estudou em uma das escolas mais antigas da cidade, a EMEF José Ferraz de Souza, que até hoje é conhecida pelos moradores da cidade como Grupo Escolar. Antigamente, não tinha quadra, mas havia um campinho de futebol, onde as crianças brincavam de “triângulo” ou “buraco” com suas bolinhas de gude.

João Valentim Batista nasceu no dia 7 de junho de 1949. É morador de lacanga (SP) e ex-aluno da EMEF José Ferraz de Souza.





O dom da oratória

Carlos Cardozo, o “Carlão da Rádio”, passou sua infância no sítio e foi criado pelos avós maternos. Sempre curioso, tinha com prazer a companhia de seus livros, e com estes era capaz de passar horas lendo trancado em um quarto. Também gostava de ficar na varanda de sua casa observando as nuvens que formavam desenhos no céu.

Para ir à escola na cidade, seu avô contratou uma pessoa para levá-lo de charrete; para se proteger do sol, ele sempre usava um chapéu de palha. Em uma ocasião, desceu tão apressado que acabou se esquecendo de tirá-lo da cabeça. Ao fazer a fila para a entrada da escola, percebeu que os outros alunos o olhavam e riam. Só então notou que ainda estava com seu chapéu.

Sonhava em ser professor de geografia ou história, mas foi na oratória que se realizou e atribui este dom às horas de leitura de que tanto gostava.

Certa vez, foi visitar sua família, que morava em Bariri, e curioso que era resolveu entrar na rádio da cidade para conhecê-la. Na conversa com os radialistas, contou que estava de passagem para Ibitinga. Sabendo disso, pediram que ele levasse uma encomenda para a rádio de lá. Ao chegar ao seu destino, foi surpreendido com uma transmissão ao vivo, em que foi convidado a falar com o público, ali mesmo, no improviso. Como se saiu muito bem, logo foi contratado para trabalhar nessa mesma rádio.

Carlos teve muitas oportunidades para trabalhar fora de Iacanga, mas por ter imenso carinho por sua cidade e também por querer ficar perto de sua família decidiu permanecer e conquistar uma rádio comunitária, com o objetivo de servir a população iacanguense.

Carlos Donizeti Cardozo nasceu no dia 26 de dezembro de 1963, em Iacanga (SP). Tem 56 anos e atua como jornalista e radialista no município de Iacanga.





lacangense autêntico, com boas histórias para contar!

Antônio Alves de Oliveira, mais conhecido como Teco, nasceu e cresceu dentro de lacanga. Morava com sua família em uma casa simples, de madeira, mas apesar das dificuldades teve uma infância feliz.

Seu Teco estudou até o primário. Se os alunos demonstrassem maus comportamentos, eram castigados. Normalmente, a merenda era sopa de fubá com couve. O fogão da escola era a lenha e as mesas do refeitório eram de madeira e ficavam embaixo de uma árvore.

Quando chegava da escola, Antônio tinha que ir para a roça ajudar seu pai. Sábado era o dia de sair para engraxar sapatos e trazer um pouco de dinheiro para dentro de casa.

Sempre vinham circos para a cidade, com muitos animais. Os donos sempre pediam ajuda dos meninos para ajudar a cuidar dos bichos, e eles adoravam. Havia um zoológico muito simples em lacanga, com pato, cutia, anta e sucuri, mas que era uma atração do município. Na praça, que fica no centro, existia um coreto onde, aos sábados e domingos, vinham diversas bandas fazer suas apresentações. No local onde hoje é a Praça da Bíblia,

existia um campo de futebol; ele e seus amigos jogavam nele todos os domingos. Como na frente deste campo era a Casa das Crianças, dirigida pelas irmãs (freiras), antes de todas as partidas, juntamente com elas, os meninos tinham que rezar para só depois poder jogar.

Os jovens da cidade de lacanga costumavam ir à missa nos fins de semana à noite e depois saíam para passear na Praça da Matriz. A rua em frente à igreja era de terra e nela se formava um corredor de homens estacionados enquanto as mulheres ficavam passeando na frente deles. Esta era a forma de paquera dos jovens. Existia também um alto-falante, que funcionava como uma espécie de correio elegante, em que era possível pedir várias músicas e oferecê-las para qualquer pessoa.

Seu Antônio também se lembra que antigamente não existia a prainha de lacanga; tudo fazia parte de uma fazenda e, no lugar da praia, era um campo de futebol. Foi com a construção da barragem, por volta dos anos 80, que surgiu a prainha.

Antônio Alves de Oliveira nasceu no dia 22 de abril de 1947, em lacanga (SP). Seu Teco acompanhou muitas mudanças na cidade. É casado com Dona Marisa há 43 anos e é avô da Alice, aluna do 4º ano A da escola EMEF Joaquim Caldas de Souza.



Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Relações Institucionais
Rosana Miziara

AES Tietê

Diretor Presidente
Ítalo Freitas

Gerente de Relações Institucionais, Comunicação e Sustentabilidade
José Antônio Martins

Coordenadora de Sustentabilidade e Responsabilidade Social
Andrea Santoro Silveira

Analista de Investimento Social
Renata Monteiro Costa

Prefeitura Municipal de Iacanga

Prefeito Municipal
Ismael Edson Boiani

Vice-Prefeito
Eli Cardoso

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Secretária
Gilda Santos

Projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar – Iacanga, 2019

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Gestão de Projetos
Renato Herzog

Coordenação do Projeto
Raquel Ribeiro

Produção
Ane Alves

Produção Local
Vitória de Almeida Cardoso

Fotografia
Ana Claudia Delaporta
Ana Caroline dos Santos Melo

Formação
Danilo Eiji

Escolas Participantes

EMEF Joaquim Caldas de Souza

Professoras
Gislaine Magali Marana Batista – 4º e 6º anos – Arte
Ivone Lázara – Fermino – 6º ano D e E
Marisa Conceição Pedro Buassali – 4º ano B
Patrícia Ferreira Mendes – 4º ano A
Sandra Alves Silva – 6ºs anos B e C

Diretor
Luiz Quequim Neto

Vice-Diretora
Lucia Aparecida de Oliveira Martins

Coordenadoras
Luciana Aparecida dos Santos Ramos Previero
Valquíria do Valle

EMEF José Ferraz de Souza

Professoras
Edna Cristina Dias Lopes – 4º B
Nelma de Lurdes Goiano Cruz – 4º ano A
Raquel de Oliveira Leominio – 4º ano C
Viviani Pereira de Camargo – Arte

Diretora
Silveli Pultrine Victor

Coordenadoras
Mari Luci Branco
Nair Aparecida Estevanatto Tose

Entrevistados

Antônio Alves de Oliveira
Carlos Alberto Monari
Carlos Donizeti Cardozo
João Valentim Batista
Joaquim Carlos Caldas
Marcos Vieira da Silva
Maria José Alves Santos Abdala
Maria José de Sousa Marana
Maria José Grigolin da Cruz
Miazaki Iwao

Publicação Iacanga – Passado e presente, memórias e aprendizagens

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Danilo Eiji Lopes

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama Nara

Produção
Ane Alves

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas
Renato Theobaldo

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos
Alunos participantes do projeto





Patrocínio



Apoio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

